

ISSN 1806-9142
Qualis "B" na tabela CAPES

Sadernio eminal



1994 - 2006
12 anos de produção

Caderno Seminal Digital – Vol. 6 – Nº 6 – (Jul/Dez-2006). Rio de Janeiro: Dialogarts, 2006.

ISSN 1806-9142

Semestral

1. Linguística Aplicada – Periódicos. 2. Linguagem – Periódicos. 3. Literatura -
Periódicos. I. Título: Caderno Seminal Digital. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

CONSELHO CONSULTIVO

André Valente (UERJ / FACHA)

Clarissa Rolim Pinheiro Bastos (PUC–Rio)

Claudio Cezar Henriques (UERJ / UNESA)

Darcilia Simões (UERJ)

Edwiges Zaccur (UFF)

Fernando Monteiro de Barros Jr. (UERJ)

Flavio Garcia (UERJ / UNISUAM)

Flora Simonetti Coelho (UERJ)

José Lemos Monteiro (UFC/ UECE/ NIFOR)

José Luís Jobim (UERJ / UFF)

José Carlos Barcellos (UERJ / UFF)

Magnólia B. B. do Nascimento (UFF)

Maria do Amparo Tavares Maleval (UERJ)

Maria Geralda de Miranda (UNISUAM / UNESA)

Maria Leny H. de Almeida (UERJ)

Maria Teresa G. Pereira (UERJ)

Nícia Ribas d'Ávila (Paris VIII)

Regina Michelli (UERJ / UNISUAM)

Sílvio Santana Júnior (UNESP)

Valderez H. G. Junqueira (UNESP)

Vilson José Leffa (UCPel-RS)

EDITORA

Darcilia Simões

CO-EDITOR

Flavio Garcia

ASSESSOR EXECUTIVO

Cláudio Cezar Henriques

DIAGRAMAÇÃO

Carlos Henrique de Souza Pereira (EXT)

REVISÃO

Sandra da Silva Santos (EXT)

PROJETO DE CAPA

Carlos Henrique de Souza Pereira (EXT)

LOGOTIPO

Rogério Coutinho

Contato: dialogarts@oi.com.br

publicações.dialogarts@oi.com.br

seminal@oi.com.br

Publicações Dialogarts é um Projeto Editorial de Extensão Universitária da UERJ do qual participam o Instituto de Letras (*Campus Maracanã*) e a Faculdade de Formação de Professores (*Campus São Gonçalo*). O objetivo deste projeto é promover a circulação da produção acadêmica de qualidade, com vistas a facilitar o relacionamento entre a Universidade e o contexto sociocultural em que está inserida.

O Projeto teve início em 1994 com publicações impressas pela DIGRAF/UERJ. Em 2004, impulsionado pelas dificuldades encontradas no momento, surgiram, com recursos e investimentos próprios dos coordenadores do Projeto, as produções digitais com vistas a recuperar a ritmo de suas publicações e ampliar a divulgação.

Visite nossa página:

<http://www.dialogarts.uerj.br>

ÍNDICE

CONTOS, FÁBULAS, MITOS E <i>LE AVVENTURE</i>	
<i>DI PINOCCHIO</i>	7
ALESSANDRA GARRIDO SOTERO – UNISUAM / UFRJ	7
AS DIFERENTES REALIZAÇÕES DO “S” IMPLOSIVO	
E DA VIBRANTE: REFLEXOS DE FATORES HISTÓRICO,	
SOCIAIS E DEMOGRÁFICOS DA CIDADE	
DO RIO DE JANEIRO	34
ÂNGELA MARINA BRAVIN DOS SANTOS – FAMA	34
A DESCONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL	
A PARTIR DO IMAGINÁRIO MITOLÓGICO EM	
UBIRAJARA, DE JOSÉ DE ALENCAR	48
ALEXANDRA VIEIRA DE ALMEIDA – UERJ	48
AS FERRAMENTAS PARA COMPREENSÃO DE UM TEXTO	69
CHARLESTON CHAVES – UERJ	69
A EXPRESSÃO VARIÁVEL DO IMPERATIVO	
NAS TIRAS DO “MENINO MALUQUINHO”	84
JEFERSON DA SILVA ALVES – UNIFACS / UFBA	84
AFINAL, QUE HISTÓRIA É ESSA DE	
INGLÊS INTERNACIONAL?	95
ZAINA APARECIDA ABDALLA NUNES – PUC / SP	95
A REDAÇÃO DO VESTIBULAR:	
ESTRUTURA E COERÊNCIA ARGUMENTATIVA	109
CINARA FERREIRA PAVANI – UCS	109
VANILDA SALTON KOCHÉ – UCS	109
REVISITANDO <i>CRÁTILO</i>	127
GABRIEL DE ÁVILA OTHERO – PUC / RS	127
GUSTAVO BRAUNER – PUC/RS	127
UMA CASA PARA UM DISCURSO	
CONTEMPORÂNEO EM PORTUGAL	137
JUREMA JOSÉ DE OLIVEIRA – UERJ	137

A HAPLOLOGIA MORFOLÓGICA DAS FORMAS X-ÇÃO: ENFOQUE DIACRÔNICO E REPRESENTAÇÃO MORFO-PROSÓDICA	148
CARLOS ALEXANDRE GONÇALVES – UFRJ / CNPq	148
LUCIANA DE ALMEIDA SILVA – UFRJ	148
A MORFOLOGIA DERIVACIONAL NA GRAMÁTICA GERATIVA E SUA CONTRIBUIÇÃO AO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO	165
ANTÔNIO SÉRGIO CAVALCANTE DA CUNHA – UERJ / FFP	165
O RUGIR DO LEÃO (O JARGÃO DOS RODOVIÁRIOS DO RIO DE JANEIRO)	182
LUIZ FERNANDO DIAS PITA – FAFIMA / UFRJ	182
O SENTIDO DA TERRA E O SENTIDO DIVINO: A LEITURA E A SUBVERSÃO DA ICONOGRAFIA E DOS VALORES CRISTÃOS EM <i>O EVANGELHO SEGUNDO JESUS CRISTO</i> DE JOSÉ SARAMAGO	195
JEFFERSON EDUARDO PEREIRA BESSA – UERJ	195
<i>VIVA O POVO BRASILEIRO:</i> FÉ NA NEGRITUDE E NA POBREZA.....	210
RITA DE CÁSSIA RIBEIRO DE QUEIROZ – UEFS / BA	210
UM PROBLEMA DE GÊNERO EM MURILO RUBIÃO: “O PIROTÉCNICO ZACARIAS” E “A CIDADE”, COMO EXEMPLO	223
ANGÉLICA MARIA SANTANA BATISTA – UERJ	223
PRODUÇÃO DE BASE PICTORIAL NA APRENDIZAGEM DA LÍNGUA	242
MARIA SUSETT. B. SANTADE – FIMI / FMPFM/MOGI-GUAÇU / SP / UERJ	242
DARCILIA SIMÕES – UERJ / PUC – SP / SUESC	242
COERÊNCIA E COESÃO EM XEQUE: DA TEORIA À PRÁTICA DE SALA DE AULA	251
GLAUCIA MUNIZ PROENÇA LARA – UFMS / UFMG	251
A FILOLOGIANA CLASSIFICAÇÃO BRASILEIRA DE OCUPAÇÕES	271

A haplogia morfológica das formas X-ção: enfoque diacrônico e representação morfo-prosódica

Carlos Alexandre Gonçalves – UFRJ / CNPq

Luciana de Almeida Silva – UFRJ

Introdução

Neste artigo, analisamos o fenômeno da haplogia morfológica (queda de sílabas em fronteira de morfemas) das construções X-ção com os instrumentos da Morfologia Prosódica (McCarthy, 1986), que incorpora à descrição morfológica aspectos da fonologia não-linear.

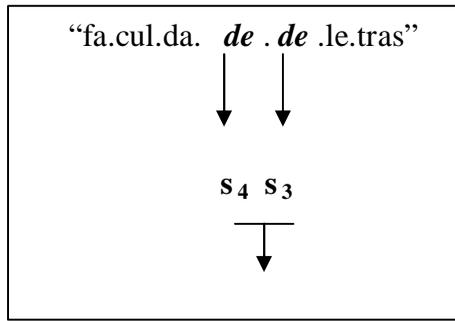
No processo de formação de palavras X-ção, sílabas que apresentam uma coronal como último *onset* da forma de base tendem a sofrer o processo, como se observa em ‘concessão’ e ‘expulsão’, haplogias de ‘conceder’ e ‘expulsar’, que resultam do contato do *onset* coronal da base com o *onset* coronal do sufixo nominalizador.

No artigo, defendemos, com base na Geometria de Traços (cf. Clements & Hume, 1995), que a adjacência do traço [coronal] é evitada nas formações em análise quando segmentos coronais se encontram em fronteira de pés. Para tanto, recorreremos à Fonologia Métrica (cf. Hayes, 1991) para representar o fenômeno.

A natureza da haplologia

A haplologia constitui processo fonológico que se caracteriza pela supressão de uma sílaba em fronteira de palavras ou de morfemas, sendo, por isso mesmo, um típico fenômeno de interface da fonologia: ou com a morfologia ou com a sintaxe. Acontece haplologia quando sílabas em fronteira ficam adjacentes e apresentam identidade de traços, como se vê no exemplo a seguir:

(01)



Em (01), os *onsets* e os núcleos das sílabas 3 e 4 – formadas da direita para a esquerda – são idênticos e, por isso mesmo, tendem a se fundir, figurando, no nível fonético, somente uma das sílabas. Há, portanto, perda de uma sílaba ([dzi]) na fronteira das palavras ‘faculdade’ e ‘de’, resultando na forma “*faculdade letras*”. Outros exemplos de haplologias sintáticas são “lei(te) de cabra”, “merca(do) de trabalho” e “peda(ço) de pão”.

A haplologia se manifesta, em português, também no nível da palavra, embora casos desse tipo sejam bem menos frequentes que os encontrados na sintaxe. Segundo Faria (1970: 266), o fenômeno “*consiste na supressão de uma sílaba, quando, na mesma palavra, duas próximas começam pela mesma consoante ou quando a vogal,*

centro da sílaba, está fechada por duas consoantes idênticas”. Nas formações X-oso e X-ção, o processo de derivação pode resultar em formas haplogizadas, como se vê nos exemplos em (02):

(02)

bondade + oso > *bondadoso > bondoso
maldade + oso > *maldadoso > maldoso
suspende + ção > *suspende/s/ão > suspensão

Como se vê em (02), o processo de derivação por sufixação deveria promover o acréscimo de uma sílaba à palavra derivante. Entretanto, os sufixos, ao serem anexados às formas de base, levam ao apagamento de segmentos fônicos devido à igualdade de traços nas fronteiras das formas combinadas. Com isso, derivado e derivante apresentam o mesmo número de sílabas e a mesma estrutura métrica.

Os exemplos de (02) ilustram o que chamamos de haplogia morfológica: a deleção de sílabas é determinada pela interação dos componentes fonológico e morfológico, haja vista que o acréscimo de afixos pode deixar adjacente uma seqüência de segmentos idênticos ou foneticamente muito próximos.

Embora em menor freqüência, outras formações morfológicas favorecem a atuação da haplogia. Esse fato pode ser percebido através dos exemplos a seguir:

(03)

Candura: [Por *candidura < cândido +-ura]

Catalografia: [De catálogo + -grafia]

Dedurar: [De dedo-durar]
 Esplendíssimo: [De esplêndido + íssimo]
 Etário: [Do port. *etatório < lat. aetate, 'idade',
 + -ário]
 Gratuidade: [De gratuito + -(i)dade]
 Idólatra: [De idololatra]
 Minhocultura: [De minhoca + -cultura]
 Semínima: [De semi- + mínima]
 Tragicômico: [De trági(co) + cômico]
 Volumetria: [De volume + -metria]

Neste artigo, limitamo-nos à análise da haplogia resultante da combinação de uma base verbal com -ção, sufixo nominalizador, como exemplificado na terceira linha de (02) e mais fartamente em (04), a seguir:

(04)

admiti	+ ção	> *admiti/s/ão	> adm ^{is} ção
converte	+ ção	> *converte/s/ao	> conversão
satisfaze	+ ção	> *satisfaze/s/ão	> satisfação
produzi	+ ção	> *produzi/s/ão	> produção
ascende	+ ção	> *ascende/s/ao	> ascensão
aludi	+ ção	> *aludi/s/ão	> alusão
protege	+ ção	> *protege/s/ão	> proteção
corroe	+ ção	> *corroe/s/ao	> corrosão

exclui + ção > *exclui/s/ão > exclusão

A haplogia como fenômeno histórico

A haplogia morfológica é um fenômeno que remonta ao latim e foi muito freqüente na evolução para o português. Verificam-se casos de haplogia morfológica em vocábulos latinos, como os exemplificados em (05):

(05)

*honestitas > honestas

*societitas > societas

*fastitidium > fastidium

A haplogia dos nomes verbais X-ção pode ser explicada historicamente e, por isso, acreditamos que o fenômeno não seja produtivo na língua portuguesa contemporânea. Para demonstrar que a estrutura haplológica dos substantivos verbais em português constitui fenômeno histórico, convém explicitar alguns dados diacrônicos acerca de sua origem.

Em latim, as formas verbais são apresentadas nos dicionários através do que denominamos formas primitivas dos verbos que, por sua vez, são dispostas do seguinte modo, tomando por base a forma latina referente ao verbo português ‘aludir’: *alludo*, *alludis*, *alludere*, *allusi*, *allusum*. A primeira corresponde à 1ª pessoa do singular do presente do indicativo; a segunda, à 2ª pessoa do singular do presente do indicativo; a terceira, ao infinitivo presente ativo; a quarta, à 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo; e a quinta corresponde ao *supino*.

Os verbos e os substantivos deverbais em português foram originados de diferentes formas latinas. Um exemplo disso é o infinitivo do português, que corresponde ao infinitivo do latim. Logo, a forma latina *alludere*, que possui o radical de *infectum*, após sofrer mudanças fonológicas, passa a ‘aludir’ (português). Já os substantivos deverbais latinos foram desenvolvidos a partir das formas menos verbais – os participios passados – que, por sua vez, originaram-se do *supino*. Em outras palavras, o participio de *alludere* é *allusus*, *-a*, *-um*, que possui o radical do supino *allus-*. Dessa maneira, o substantivo formado é *allusio*, *allusionis*. Portanto, as formas deverbais com sufixo *-ção* que iremos analisar neste trabalho evoluíram a partir desses substantivos latinos e o infinitivo, por outro lado, foi originado de uma forma que já apresentava um radical distinto, o de *infectum*.

É possível tecer essas afirmações com base na cuidadosa análise feita da etimologia dos verbos e nomes em questão. Esse rastreamento foi feito objetivando esclarecer a breve relação entre verbo e substantivo verbal descrita no Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa (CUNHA, 1986).

Em todos os exemplos de (06), a seguir, as formas infinitivas provêm dos radicais de *infectum*, enquanto as construções nominalizadas *X-ção* advêm das antigas formas de supino. Como se vê, nome e verbo evoluíram de étimos diferentes. No entanto, acreditamos, numa fase histórica mais pretérita provavelmente os nomes deverbais tenham sofrido um processo fonológico de abrandamento de traços.

(06)

inserir	inserção
inserereinsertio, -onis (part. pass. insertus, -a, -um)	
suprimir	supressão
supprimere	suppressio, -onis (part. pass. suppressus, -a, -um)
conceber	concepção
concipere	conceptio, -onis (part. pass. conceptus, -a, -um)
permitir	permissão
permittere	permissio, -onis (part. pass. permissus, -a, -um)
aspergir	asperção
aspengere	aspersio, -onis (part. pass. aspersus, -a, -um)
concluir	conclusão
concludere	conclusio, -onis (part. pass. conclusus, -a, -um)

Nas formações em análise, a menor identidade fonética entre o verbo e o nome correspondente tem, portanto, motivação histórica. No entanto, a atual situação de pares verbo/nome do tipo suspender/suspensão pode ser satisfatoriamente descrita, assumindo-se a existência de uma haploglia morfológica motivada por propriedades articulatórias da consoante que inicia o sufixo de nominalização. Nesse caso, cabe identificar e analisar os contextos que favorecem ou bloqueiam a ocorrência do fenômeno. Para descrever a haploglia morfológica dos nomes deverbais X-ção, utilizamos um *corpus* constituído de cerca de 200 formações com perda segmental. Os dados foram rastreados a partir dos dicionários eletrônicos Aurélio

(HOLLANDA, 1999) e Houaiss (HOUAISS, 2001), através de busca pelas terminações “são”, “cão” e “ssão”.

O comportamento das formas X-ção com haploglia

Nas formações rastreadas, sílabas que apresentam uma coronal (som produzido na parte anterior frontal da língua) como último *onset* da forma de base tendem a sofrer o processo, como se observa em ‘concessão’ e ‘emissão’, haploglias de ‘conceder’ e ‘emitir’, que resultam do contato do *onset* e do núcleo coronais da base com o *onset* coronal do sufixo nominalizador – uma fricativa alveolar (/s/). Isso pode ser observado através do esquema apresentado a seguir, em (07), para /conceder + /s/ão/ > *conce(de)/s/ão > conce/s/ão e /emitir + /s/ão/ > *emi(ti)/s/ão > emi/s/ão.

(07)

Concessão				Emissão			
TEMA		SUF.	RESULTADO	TEMA		SUF.	RESULTADO
RAD.	V.T.			RAD.	V.T.		
conced	e	/s/ão	*conce[de]/s/ão > concessão	emit	i	/s/ão	*emi[ti]/s/ão > emissão
↓	↓	↓		↓	↓	↓	
coronais				coronais			

No processo de formação de nomes deverbais X-ção, a variável lexical que caracteriza a base, nos termos de Villalva (2000), é o tema do verbo, ou seja, o sufixo -ção é anexado à forma verbal que contém o radical e a vogal temática. Por exemplo, em “neutralizar”, o verbo, cujo tema é “neutraliza”, aparece maximamente representado na estrutura morfológica do substantivo “neutralização”.

Nos casos aqui analisados, o contato da última sílaba do tema verbal (justamente aquela em que aparece a vogal temática) com o sufixo nominalizador, ambos com traço coronal, provoca o apagamento dos elementos coronais da base, havendo, em decorrência, o não-aproveitamento do tema: a forma verbal não está maximamente representada na estrutura morfológica do nome porque a sílaba final do verbo não se realiza foneticamente.

A haplologia dos nomes deverbais em -ção é um processo que afeta principalmente substantivos que derivam de verbos de 2ª e 3ª conjugações, como, por exemplo, “compre**nd**er / compreensão” e “agred**ir** / agressão”. Isso se deve à coronalidade de /e/ e /i/ que, por sua vez, constituem a vogal temática verbal. Dessa maneira, um dos contextos favoráveis à atuação do fenômeno (o mais frequente) é o de contato entre três elementos coronais: o *onset* e o núcleo da última sílaba da base verbal e o *onset* do sufixo -ção.

A haplologia em questão se explica, portanto, pela adjacência de segmentos coronais – vogais anteriores, consoantes alveolares e álveo-palatais – numa fronteira morfológica que também coincide com uma fronteira de pés, como veremos mais adiante. Dessa maneira, a coronalidade deve se manifestar no *onset* e/ou na rima. Esse fato explica por que nomes deverbais de 1ª conjugação são menos afetados pelo processo: eles apresentam, na rima, uma vogal que não se especifica como [coronal] – /a/, um segmento [dorsal].

Verbos de 1ª conjugação também podem sofrer ação do fenômeno, como se observa em “rejeit**ar** / rejeição”, muito embora menos de 10% dos dados rastreados seja de tema em -a. Nesse caso, o *onset* da sílaba final do tema tem de ser idêntico ou maximamente semelhante ao *onset* do sufixo. Dessa maneira, dois traços atuam em

conjunto: [coronal] e [sonoro]. Por isso, somente verbos de 1ª conjugação terminados em /t/ e /s/ sofrem haplologia. Os dados aparecem em (08):

(08)

abusa + ção > *abusa/s/ão > abusão

compulsa + ção > *compulsa/s/ão > compulsão

dispersa + ção > *dispersa/s/ão > dispersão

expressa + ção > *expressa/s/ão > expressão

expulsa + ção > *expulsa/s/ão > expulsão

injeta + ção > *injeta/s/ão > injeção

interdita + ção > *interdita/s/ão > interdição

inventa + ção > *inventa/s/ão > invenção

isenta + ção > *isenta/s/ão > isenção

junta + ção > *junta/s/ão > junção

propulsa + ção > *propulsa/s/ão > propulsão

revisa + ção > *revisa/s/ão > revisão

Pelo que se expôs anteriormente, pode-se afirmar que a haplologia dos nomes deverbais X-ção não é um fenômeno produtivo atualmente, já que não formamos verbos de 2ª e 3ª conjugações (paradigmas fossilizados), isto é, nenhum verbo novo se forma em nossa língua com vogal temática [coronal]. A produtividade dos ver-

bos de 1ª conjugação torna o fenômeno improdutivo, já que a terminação “-ar” constitui bloqueio para a haplologia, uma vez que o núcleo da sílaba final da base se especifica como [dorsal].

Por outro lado, há casos de haplologia em nomes cuja sílaba final do verbo é constituída apenas de núcleo silábico que se especifica como coronal: “incluir / inclusão”; “concluir / conclusão; corroer / corrosão”. Isso indica que a coronalidade se manifesta no constituinte sílaba e não só no onset, necessariamente.

Os quadros a seguir ilustram os contextos que favorecem a haplologia das formas X-ção, em ordem decrescente de importância: (a) três segmentos coronais adjacentes (09); (b) dois segmentos coronais adjacentes (10); e (c) dois onsets coronais desvozeados adjacentes separados por um segmento dorsal (11):

(09)

a) Verbos: agredir, converter, conduzir, proteger		
RADICAL	VOGAL TEMÁTICA	SUFIJO
<i>Onset</i>	núcleo	<i>onset</i>
[coronal]	[coronal]	[coronal]
/d, t, s, z, š, ž /	/e, i/	/s/

(10)

b) Verbos: corroer, concluir		
RADICAL	VOGAL TEMÁTICA	SUFIJO
<i>onset</i>	núcleo	<i>onset</i>
∅	[coronal]	[coronal]
	/e, i/	/s/

(11)

c) Verbos: rejeitar, expressar		
RADICAL	VOGAL TEMÁTICA	SUFIJO
<i>onset</i>	núcleo	<i>onset</i>
[coronal] [- sonoro]	[dorsal]	[coronal] [- sonoro]
/t, s/	/a/	/s/

Com base nos dados, é possível concluir que há casos de sílabas sem *onset* que sofrem haplogogia (10); logo, a rima que apresenta núcleo coronal é tão importante quanto à sílaba que tem a coronalidade se manifestando no *onset*. Nessas duas situações (09 e 10), a sílaba, como um todo, caracteriza-se como coronal. No terceiro caso, ao contrário, a sílaba não é inteiramente coronal e, em função disso,

a haploglia das formas X-ção não constitui processo produtivo na língua. A força que desencadeia o processo é um princípio da gramática universal denominado OCP (*Obligatory Countor Principle*), que conspira contra a adjacência de formas com material fonológico idêntico.

O domínio da regra de haploglia

Das cerca de duzentas formações rastreadas, mais de 70% (quase cento e cinquenta formas) são imparissilábicas, isto é, apresentam número ímpar de sílabas, como, entre outras, “concessão”, “emissão”, “alusão” e “dispersão”. Esse fato corresponde a uma segunda grande motivação para o fenômeno: o apagamento de material fonológico levado a cabo pela haploglia evita que, no processo de formação de pés métricos, sílabas fiquem desgarradas (não-integradas a pés).

Formas X-ção canônicas (sem haploglia) necessariamente levam a um aumento no número de sílabas da base verbal e, com isso, modificam a estrutura métrica da forma verbal derivante, como se vê na representação em (12). Assim, verbos dissilábicos (“malhar”) formam nomes deverbais trissilábicos (“malhação”); verbos trissilábicos (“escovar”) formam nomes com quatro sílabas (“escovação”), e assim sucessivamente. Nas representações a seguir, () delimita o constituinte pé, formado da direita para a esquerda em função do peso da sílaba final (nas formas verbais infinitivas e nas nominalizações correspondentes, forma-se um pé com a sílaba que contém “r” e “o” na posição de coda), os símbolos * e . indicam, nesta ordem, o constituinte forte e o membro fraco do pé. Como se observa em (12), o nome deverbal apresenta, em sua margem esquerda, uma sílaba desgarrada (a).